**REFLEXÃO SOBRE ENSINO POÉTICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Manoel Guilherme de Freitas.

Universidade do Estado Rio Grande Norte, PPGL.[mguilhermedefreitas@hotmail.com](mailto:mguilhermedefreitas@hotmail.com)

Maura Fábia de Freitas Alves

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. [mauraallves@hotmail.com](mailto:mauraallves@hotmail.com)

Francisca Rosângela Freitas Oliveira.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – [UERN.Rosymel-10@hotmail.com](mailto:UERN.Rosymel-10@hotmail.com)

Francisco Canindé Carolino Souza. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. [Calorino@bol.com.br](mailto:Calorino@bol.com.br)

**RESUMO** Este artigo objetiva refletir sobre o gênero textual poema na educação básica, notadamente, na cidade de Pau dos Ferros-RN, a partir da experiência desenvolvida no Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Para tanto, referenciamos Lajolo (1990), Hélber (2007), Goldstein (2001), Eagleton (2003), dentre tantos outros teóricos, que ajudaram na compreensão do fenômeno educativo não só poético, porém, também, linguístico nas salas de aula. Assim sendo, foi possível compreender que o gênero poema, enquanto materialidade linguística, ainda assim é pouco utilizado nas escolas *in loco* da pesquisa. Dessa forma, há muitos discursos proferidos em relação à literatura vigente, contudo estão ausentes das salas de aula, embora que nos questionários aplicados aos professores, eles tenham afirmados usar como prática enunciativa da linguagem, atendendo assim aos anseios dos sujeitos aprendizes no processo ensino-aprendizagem de educação básica de Língua Portuguesa.

**Palavra-Chave:** Ensino. Poema. Literatura. Gênero. Educação Básica.

**I INTRODUÇÃO**

A literatura é uma arte, a da palavra, que se materializa no leitor, sendo que este é sócio e historicamente marcado pelas marcas linguísticas, bem como pelo discurso do seu tempo. Assim, há uma relação intrínseca/direta entre a obra e o público, já que um não sobrevive sem, necessariamente, o outro, numa troca constante, dialética, social. Nesse sentido, o texto material não deve ser lido fora de um contexto real, de uma situação de enunciação concreta, ou seja, viva dos sujeitos.

De outro modo, o texto literário é plural, intersubjetivo, plurissignificativo, isto é, está voltado para o despertar das emoções, das sensibilidades por parte dos leitores. Logo, tem sido ideal para se trabalhar na sala de aula.Assim sendo, a poesia deverá ser uma oportunidade ímpar para que o professor trabalhe prazerosamente nas salas de aula, haja vista ser uma linguagem diferenciada, já que trata de sentidos plurais e subjetivos, necessitando, apenas, que o professor seja competente na consecução dos objetivos pretendidos.

Assim, pelas especificidades inerentes, não é possível trabalhar como se fosse uma notícia, pelo leque de possiblidades subjetivas, discursivas, interativas, desde que se saiba utilizar em situações reais, em que os alunos possam vivenciar leituras, análise crítica, produções.

**II DISCUSSÃO TEÓRICA**

**1 - Literatura e a educação básica**

A literatura tem papel fundamental na formação do leitor, pois esta poderá despertar o prazer, a descoberta, a partir de um mundo imaginário, utópico. Assim, é uma linguagem especial, requerendo, pois, por parte do leitor o uso de estratégias textuais/discursivas diversificadas, isso devido ao apelo dos recursos poéticos, a saber: as rimas, o ritmo, a metrificação, os aspectos formais.

Dessa forma, a leitura tanto poderá ser realizada por prazer, ou simplesmente, ser sistematizada para fins didáticos. Nesse sentido, concordamos com o ponto de vista dos PCNs (2001, p. 37) quando este chega a afirmar que:

A questão do ensino de literatura ou de leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc.

Conforme o documento oficial supracitado, o texto poético não pode ser utilizado para fazer metalinguagem ou outro fim que não seja o literário, pois é uma linguagem que exige as estratégias de leituras voltadas à materialização, enquanto prazer e, jamais, como hábito controlado, bitolado, ou seja, de higiene pelo professor, perdendo a essência do que venha a ser texto literário.

Para tal, a figura do professor deverá ser condicionante para que o contato com esse universo textual não seja constrangedor e nem monótono. Assim sendo, deverá fazer com que as leituras sejam significativas e contextualizadas, de maneira que os alunos troquem as suas experiências, bem como discutam sobre seus textos, permute-os, apresente-os.

Neste âmbito, a poesia poderá ser fonte de leitura, de compreensão e de interpretação textuais, pois quem não se lembra de um poema interessante? Ou mesmo de um conto, de uma fábula a narrar? Além de um soneto? Enfim, os “eus” perpassam o imaginário coletivo das pessoas e vão para toda a vida num continuo cotidiano de cada um.

Nesse olhar sobre essa linguagem, concordamos com Calvino (apud CADEMARTORI, 2009, p. 51) quando ele afirma que “a literatura se vem impregnando da antiga ambição de representar a multiplicidade de relações, em ato e potencialidade”. Isto é, a literatura alimenta dessa multiplicidade e tenta representá-la em um ato concreto, já que não é literal nem pretende ser, daí sê-la diferenciada através de suas emoções, de percepções e sentimentos.

Assim sendo, a literatura é de natureza polissêmica e ela permite o leitor prazer, decerto viajar, sonhar, navegar “por mares nunca de antes navegados” (CAMÕES, 1980, p, 75), através de sua beleza estética, bem como composição, além da formação de vários sentidos e discursos, podendo ser construída mediante o contato assíduo com a sua literaturidade. Sobre a sua abrangência, Cademartori (2009, p. 53) menciona que:

O texto literário combina elementos das culturas mais diversas e estabelece entre elas diálogos capazes de romper com a programação [...], que por acaso tenhamos, para perceber sempre o mesmo. Assim, um efeito possível das variadas formas de troca simbólicas na cultura é a percepção pelo sujeito de que seu mundo não é único, e que o outro - o diferente dele o não é objeto, mas também sujeito.

Dessa maneira, tais especificidades encontram na literatura espaço para interação, diálogo, troca de experiências consoante às variadas formas de composição estética e estilística, permitindo assim, trocas simbólicas, de forma que as distâncias podem ser rompidas e a interlocução entre os indivíduos serem estabelecidas.

Para tanto, faz o uso tanto de recursos poéticos quanto de estéticos, além dos sentidos da linguagem: a conotação, que é a linguagem figurada, sugestiva, interpretativa e a denotação que é a linguagem real, direta, objetiva, sendo que esta última pode aparecer em outros gêneros textuais como: o artigo de opinião, texto informativo, propaganda, a redação escolar, dentre tantos outros.

Por outro lado, a literatura poética permite, também, o acesso a uma linguagem simples, do cotidiano das pessoas, sendo-a acessível a esse perfil de leitor. Ainda assim, não significa dizer que seja inferior a outros textos congêneres, tanto pela sua dimensão literária quanto estética, haja vista poder aproximar, cada vez mais, os leitores de sua representação social através das significações possíveis. Acerca do contato com o texto poético (poema), Micheletti (2006, p. 16) discorre:

Um poema nos leva a entrar em contato com uma outra experiência, reconstruí-la e reconstruirmo-nos. E construir-se significa, sobretudo, inscrever-se na experiência, no real. Uma leitura profunda conduz a uma espécie de inversão no universo das palavras e, quando o leitor volta à tona, se encontra numa terceira margem. Nele ele pode rever-se ampliando seu conhecimento de si e do mundo.

Portanto, o poema dá condições para que o conhecimento, às vezes, transponha o real na busca de uma nova realidade para os amantes literários, afinal, é uma experiência da palavra inesgotável que o homem passa a compreender e a entender as relações não só individuais, mas principalmente, materiais e simbólicas, que medeiam à existência em seu *habitat* social.

Isto faz com que os textos como: *Navio negreiro*, *Vozes d’África*, de Castro Alves, *Não há* *vagas*, de Ferreira Gullar, *O bicho*, de Manuel Bandeira, dentre outros sirvam para denunciar a desigualdade social do nosso tempo, seja em forma de documentário social de uma região ou de um país através do registro histórico de tais mazelas. Neste *lócus,* os poetas apoderaram-se das palavras para fins específicos e práticos, de forma que a realidade e a ficção compartilhem do mesmo propósito.

Ainda assim, o gênero poema não pretende ser verdade, por que se o fosse, não seria literatura, também, não empeceria de ser ficção, quanto menos de representar a realidade de maneira fictícia, haja vista que os personagens dele estão sempre presentes em algum lugar, já que este se utiliza do alimento do cotidiano para expressar as emoções dos sujeitos. Sobre literatura, os PCNs (2001, p. 37) reforçam que:

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta, ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais.

Dessa forma, quando se trata de sentidos novos na literatura, é essencial saber que eles podem ser construídos, haja vista que os textos não limitam, apenas, à análise composicional de seus versos, nem tão pouco do conteúdo social deles, já que tais textos devem ser estudados em relação aos aspectos propriamente literários da forma e do conteúdo. Eis que se têm as figuras de linguagem, intencionalidade, atém dos subgêneros: comédia, tragédia, farsa, auto, ode, vilancete, haicai, tragicomédia, soneto, poema.

Assim sendo, a diversidade de subgêneros, talvez, explique o porquê do fascínio por parte do leitor através das especificidades poéticas, isto é, o humor, a verossimilhança. Assim a dimensão desta linguagem é ampla, sendo possível falar em literaturas no plural, pelo fato de aproximar, cada vez mais, o público leitor deste universo textual. Conforme aponta Gullar (apud LOPES *AT AL* 2004, p. 425) através do trecho de: *Não há vagas*:

O preço do feijão

não cabe no poema.

O preço do arroz

não cabe no poema

Não cabem no poema o gás

a luz e telefone

a sonegação

do leite

de carne

(...)

Consoante à passagem transcrita, a literatura tenta aproximar o leitor de sua realidade social. Para tanto, faz uso de temas ligados ao cotidiano das pessoas para atingir os seus objetivos. Assim sendo, um texto dessa natureza deve ser explorado na sala de aula pelo professor, não só pelo fato de ser do cotidiano dos alunos, mas fundamentalmente, por contribuir criticamente para a formação política e social dos discentes, bem como facilitará, também, a interação dos mesmos, via às discussões, a troca de experiências, dos relatos, de forma que possam entender e/ou intervir na sociedade da qual fazem parte.

Dessa forma, o professor deve aproveitar esse discurso presente no texto para aproximar os alunos da realidade social, através de temas polêmicos, facilitando assim a construção do processo de ensino-aprendizagem crítico dos discentes. Neste sentido, percebe-se que a linguagem é diferenciada, pois os leitores não têm a obrigação de decodificar significantes impressos, mas principalmente de construir sentido, tanto em relação ao dito quanto ao não dito, além de tentar explicação para os problemas existenciais da humanidade como no texto em estudo, através do enfoque social dado pelo poeta maranhense Ferreira Gullar.

Para tanto, faz uso de uma linguagem comum feita através de versos curtos e tendo na sua organização um ritmo próprio, marcado, linearmente, por nomes e determinantes linguísticos, o que nos leva a perceber a sequência do pensamento do poeta, afinal, ajuda na construção do “eu lírico”, transmitido de maneira clara, objetiva e sintética. Sobre a linguagem poética e suas formas, Tavares (apud LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 56) menciona acerca da poesia:

Escrever poesia é viver se balançando num pêndulo entre a técnica e a espontaneidade, escrever prosa também, mas as técnicas que se usam na poesia são mais visíveis, principalmente a rima e a métrica. Esta já serviu até como pedra de toque para distinguir se um texto era prosa ou poesia.

Do exposto textualmente, pode-se notar que o gênero poesia é especial, pois dá ao poeta opção de escolha na produção entre o estilo debochado (espontâneo) e o formal (clássico), principalmente pelas técnicas que utiliza, sendo-as condicionantes a sua composição poética. No caso de: *Não há vagas*, o texto não possui rimas, apesar de possuir um ritmo condensado, reforçado por expressões nominais (substantivos, adjetivos), que o garante ser um dos grandes poemas modernistas mais expressivos.

Dito de outra maneira, não há uma única maneira de compor, de obter o ritmo do poema, mas alguns dependendo da época e do estilo de cada poeta. Portanto, pode-se afirmar que a composição do texto poético oscila entre o estilo clássico e moderno de compor, ou seja, é clássico o soneto, haicai, vilancete, ou simplesmente, moderno, o texto citado do poeta maranhense Ferreira Gullar, embora cada um tenha a sua especificidade.

Portanto, nos textos poéticos modernos, os versos não precisam ser metrificados, já que podem possuir rimas ou não. Nesse sentido, recai sobre a figura do professor a necessidade do domínio técnico – científico, sendo este capaz de distingui-lo e aplicar este conhecimento nas aulas de Língua Materna. Logo, este poderá facilitar a interação de sala de aula, dependendo das particularidades. Para tanto, o trabalho é essencial na condução do processo ensino-aprendizagem, portanto atuando como mediador na interlocução dos sujeitos. Concordamos com Goldstein (2005, p. 6) quando este afirma que:

Cabe ao leitor ler, reler, analisar e interpretar. Ao analisar, é mais simples começar pelos aspectos mais palpáveis do poema. Aqueles que saltam olhos - ou aos ouvidos. A seguir, é preciso estabelecer relações entre os diversos aspectos do texto para tentar interpretá-lo.

Segundo a autora, a leitura começa com o palpável do texto, passando pela sua impressão gráfica, chegando a estabelecer relações com os diversos aspectos do texto poético, seja micro ou macro, de forma que os alunos possam obter o sentido desejado (interpretação). Essa concepção de trabalho como texto poético, urge, que se transforme a pedagogia tradicional de uso do texto poético como pretexto de ensinar gramática em estudo diferenciado, sendo-o capaz de o aluno apropriar-se do conhecimento racional, objetivo e crítico, ajudando assim, na formação dos alunos-leitores.

**III RESULTADOS**

O texto poético poesia deve estar presente no ensino, principalmente o lírico por ser subjetivo, reflexivo, já que é possível compreendê-lo, a partir de sua significação e de (re)significação através dos sentidos a serem construídos. Porém, devem ser interessantes para os alunos, ou seja, de alguma maneira, despertem no leitor a curiosidade, a irreverência, possibilitando, afinal, a leitura de sua realidade.

Nesse sentido, acreditamos ser essencial na formação do leitor, razão pela qual se for explorada, adequadamente, nas aulas poderá ajudá-los em relação a este conhecimento, pois tornará os discentes capazes de abstrair, inferir, deduzir, comparar, supor, pressupor, ou seja, sair do nível literal do texto impresso, para atingir novos sentidos através das impressões, das sugestões, das alegorias das figurações, isto é, do universo não literal do texto. Dessa forma, concordamos com Hélder (2007, p.23), quando afirma:

A função social da poesia, é bom lembrar, não importa, não é incomensurável dentre modelos esquemáticos. Trata-se de uma experiência íntima que, muitas vezes, captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor.

Logo, se assim é a poesia, ela deverá fazer uma diferença grande no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Então, desejamos compreender a presença dela nas salas de aula, bem como se ela está sendo trabalhada e quais encaminhamentos didático-pedagógicos são adotados pelo professor, de forma que se possa redimensionar o ensino de Língua materna.

Dessa forma, exemplos não faltam que podem ser trabalhados no ensino de Língua Portuguesa, tendo no foco dele o viés sócio/discursivo e interativo da linguagem. Tomemos como base o recurso da intertextualidade presente em alguns textos, a saber: “*Canção do Exílio*”, de Gonçalves Dias, publicado durante o Romantismo brasileiro, em julho de 1843, quando o poeta estava em Coimbra, Portugal, o “*Canto de Regresso à Pátria*”, de Oswald de Andrade, da fase inicial modernista, publicado em 1925, portanto, depois da Semana de Arte Moderna, a “*Canção do* *Exílio*”, de Murilo Mendes, já na década de 1930, na 2ª fase modernista, publicado no ano de 1931 e, finalmente, a “*Canção do exílio facilitada*” de José Paulo Paes. Dessa forma, concordamos com os PCNs (2001, p. 37) quando dizem:

Pensar sobre a literatura a partir dessa autonomia relativa ante o real implica dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximação e afastamentos, em que as invenções de linguagem, a expressão das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizantes, referências indiciais, do cotidiano do mundo dos homens.

Assim, tem sido literatura conforme o documento citado, ela permite o jogo, a aproximação e o afastamento ao mesmo tempo do sujeito, e, quando se têm textos significativos, como os referenciados facilitam, pois, o trabalho do professor e a compreensão dos alunos. Porém, não pode se limitar somente a exemplos como este, pois há outros infinitos textos, que devem ser trazidos às salas de aula, para que possam fazer a diferença no ensino referente à leitura, à escrita e, posteriormente, à produção de textos.

No entanto, os textos citados, anteriormente, têm algo em comum, semelhante, pois são compostos, basicamente, um partir do outro. Isso é uma prova de que os gêneros textuais são entidades textuais “estáveis, históricas e recorrentes” (MARCUSCHI, 2008). Assim sendo, a leitura de tais textos dá oportunidade ao leitor de entender e/ou compreender racionalmente como os sentidos podem ser reconstruídos, bem como permite, também, a interação com a língua, já que ela é um produto social dos falantes. Por isso, está à disposição do falante/leitor/escritor/ouvinte para estabelecer a comunicaçãosempre.

Neste âmbito, o aluno é levado a compreender e/ou entender que os textos se materializam através da interlocução do “locutor e alocutário” (BAKHTIN, 1995) num *continuum* ininterrupto de socialização e de inserção social, da qual participa *in loco* o leitor, enquanto sujeito histórico que busca, incessantemente, a comunicação através da linguagem.

Logo, a poesia é uma linguagem especial, já que possibilita a construção de vários conceitos. Ela se define, atualmente, por não se limitar ao significante impresso, já que foi ganhando em dimensão e profundidade temática, tipológica, a partir das transformações sociais e econômicas de cada época.

Para o crítico Cândido na obra *Literatura e Sociedade* (2000), ela é a representação social da sociedade, já que mantém intrínseca relação dessa ficção com a realidade social, não separando esta da realidade das pessoas através dos costumes, das tradições, dos valores sociais dos indivíduos, além de operar com os campos: sonoro, semântico, estilístico, conforme afirmam os PCNs (2001):

Na elaboração de um texto literário, ocorre outra operação, tão importante quanto a primeira: a seleção e a combinação de palavras se fazem muitas vezes por parentesco sonoro. Por isso se diz que o discurso literário é um discurso específico, em que a seleção e a combinação das palavras se fazem não apenas pela significação, mas também por outros critérios, um dos quais, o sonoro. Como resultado, o texto literário adquire certo grau de tensão ou ambiguidade, produzindo mais de um sentido.

Conforme alerta a autora, o texto literário tem essa tensão, em que oferece possibilidades múltiplas de leitura, daí ser fundamental à formação dos alunos leitores, justamente, por produzir sentidos diversos, algo que, talvez, não se encontre em outro gênero textual. No entanto, quando propomos estudar este gênero no ensino, não implica dizer que outros, também, não possam ser utilizados, principalmente aqueles que circulam na mídia impressa, nos manuais didáticos, na internet, nas revistas. Pois, sendo uma postura de ensino arraigada à interação, à interlocução por parte dos professores, é de esperar que o texto poético apareça com frequência nas aulas de Língua Portuguesa.

Assim, a poesia pode ser vista, também, como entretenimento, humor, irreverência algo que estava ligado a pessoas desocupadas, sem profissão na Grécia antiga. Lá eram palhaços, que tinham o poder de convencer, de fazer rir. Porém, com o passar dos anos, ganhou uma conotação diferente com a escrita, aparecendo assim, a grandes romancistas e poetas.

Nesse sentido, a tradição oral ficou em segundo plano através do advento da escrita moderna. Com ela, surgiram grandes obras consideradas clássicas pela contribuição que deram e/ou dão na formação dos leitores. Assim, a poesia deixa de ser só entretenimento e ganha novos rumos, sentidos e discursos através da reflexão, do diálogo, da subjetividade, da sátira. Assim, é o texto poético – poesia, ela vai além do escrito, para encontrar no leitor o mundo dele. Acerca da dimensão da poesia, concordamos com Micheletti (2006, p. 25) quando afirma:

A poesia é fruto também de uma tensão própria dos textos literários, que confronta tradição e inovação. Assim não podemos esquecer das referências externas a que nos remete o poema. Circunstâncias históricas ou biográficas, outros textos, outras formas de arte, elementos que não devem servir para explicar os sentidos, embora nos auxiliem na tarefa de recuperar o todo, a unidade textual, desfeita pela análise.

Eis que a poesia deve ser trazida à sala de aula, não por ser um gênero textual qualquer como tantos outros, especialmente, por ser diversificado em sua constituição, fato esse que contribui para a formação do leitor, pois este poderá comparar, inferir, deduzir, além de perceber o sentimento humano em sua plenitude.

Dessa maneira, o texto poético consegue apaixonar leitores. Afinal, o “eu - lírico” ou poético, através do sentimento e da emoção toca o homem na sua subjetividade. Então, a poesia (poema) apesar de ter passado por muitas revoluções estéticas ao longo dos séculos, foi e/ou será sempre o alimento da alma humana quando se debruça sobre ela.

Assim, é o encontro do leitor com a boa literatura, a que Jones (apud CADEMARTORI, 2009, p. 23) refere dizendo “a leitura não provoca apenas alteração mental, mas também física”. E a absorção pelo leitor de um livro que o encanta é tal que “a casa pode pegar fogo e quem estiver mergulhando num livro não levanta os olhos”. Noutras palavras, a leitura exige certas estratégias, que o leitor utiliza na busca do sentido pretendido. Um deles é, sem dúvida, o isolamento, a concentração, tudo em função da compreensão do objeto desejado, mexendo, pois, com o emocional e o raciocínio do leitor.

Para tanto, é um processo em que o professor, ainda, tem muito a aprender e ensinar a seus alunos, quando lida com literatura, é preciso gostar de ler, possuir estratégias claras de leitura para sua viabilização para que possa conquistar os discentes. No entanto, muitos professores que, ainda, estão em sala de aula tiveram formação acadêmica deficitária, muitos nem sequer têm o nível de Especialização, o que só reforça a concepção de que, o texto literário, às vezes, serve apenas de pretexto para o ensino da gramática normativa por parte destes. Sobre a leitura do texto literário, Cademartori (2009, p. 23 e 24) reforça:

Quando se trata de leitura, de promovê-la na escola ou em outro lugar, ou quando se discute a experiência do professor como leitor, é importante ter presentes os diversos estágios porque passa um leitor, porque a formação não se dá de uma só vez, nem de modo único ou mecânico. Tornar-se leitor é processo que ocorre ao longo do tempo e de distintas maneiras para pessoas diferentes.

Assim sendo, em relação ao texto poético, é sempre bom ter em mente a relevância que ele pode ter no ensino. Porém, exige a mediação do professor enquanto sujeito mais experiente na leitura, mesmo que seja um gênero que dá possibilidade de olhar diferente sobre as coisas, o mundo e si mesmo. Por isso, não é uma linguagem convencional. Pelo contrário, ela é excêntrica e inovadora, capaz de envolver o indivíduo, de fugir da realidade e de experimentar novas experiências. Com toda essa riqueza de detalhes e utilidades que, só a literatura tem, pergunta-se: será que existe receita para se fazer poesia?

**IV CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O gênero poesia pode ser um instrumento de mudança no ensino de Língua Portuguesa, desde que o professor saiba potencializá-lo nas salas de aula, para que provoque efeitos de sentidos literários, isso passa pela sua especificidade formal, estética bem como a sua multiplicidade de sentidos.

Logo, poesia é beleza, sentimentos e isso devem ser explorados nas aulas de Língua Portuguesa, para que se consiga formar leitores literários em potenciais e críticos, de maneira que transponha o impresso do texto e vá para a vida dos sujeitos, tornando-os cidadãos aquém de seu tempo, além de profissionais interagidos com as mudanças sociais e profissionais da vida.

**V REFERÊNCIAS**



BIAZOTTO, Sandra Michelluzzi. **A poesia na sala de aula**. Jornal Mundo Jovem. Porto Alegre: RS, p.9, abr./2012.

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura formação do leitor:** alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros****Curriculares Nacionais***:* terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa, 1997.

\_\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média Tecnológica***.* Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio - Língua Portuguesa, 1999.

CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2009. (Série Conversas com o Professor).

CAMPOS, Lindoaldo. **ABC** **da poesia**: inpirartividades com palavras. Natal (RN): Sebo Vermelho, 2010 (Coleção João Nicodemos, v. 297).

CÂNDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema.** São Paulo: Humanistas-Publicações: FFCH/USP, 1996.

FREITAS, A. C.; RODRIGUES, L. O.; SAMPAIO, M. L. P. (Orgs.). **Linguagem, Discurso e** **Cultura**: múltiplos objetos e abordagem: Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo, Ática, 2001.

HÉLDER, Pinheiro. **Poesia na sala de aula.** Campina Grande: Bagagem, 2007.

JÚNIOR, Maruxo; FARACO & MOURA**. Língua Portuguesa:** linguagem e interação. São Paulo: Ática, 2010. V.3.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção de sentido.** São Paulo: Contexto, 2002.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real**: o lugar da poesia e da ficção. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção aprender e ensinar com textos).

MOISÉS, Massaud. **A criação literária:** poesia. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy, PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2010.

SECCHIN, Antonio Carlos. **Poesia e desordem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

TAVARES, Bráulio. **Poesia é equilíbrio**. Língua Portuguesa. Ano 5. Nº 60, out/2010, p. 56.